



MISERICÓRDIA NO DIA DE FINADOS

O rosto do Pai, que é Jesus, deve se expressar aos irmãos, vivos e falecidos, pelas obras de misericórdia corporais e espirituais. É missão de todo cristão consolar os tristes, aqueles que perderam um ente querido, como também enterrar os corpos dos falecidos e rezar por eles, para que contemplem Deus em sua plenitude na glória eterna.

pág. 5



Foto: Ana Paula Morra

AÇÃO DE GRAÇAS



Arquidiocese celebra os
83 anos de Goiânia com
missa na Catedral

pág. 3

COMUNIDADES



Apresentamos a Paróquia
São João Batista, do
Setor Garavelo

pág. 4

CATEQUESE DO PAPA



Jesus promete repouso e
alívio a todos aqueles
que o seguem

pág. 6

AGORA E NA HORA DA NOSSA MORTE



DOM WASHINGTON CRUZ, CP
Arcebispo Metropolitano de Goiânia

Do ponto de vista humano, a morte encerra um mistério. Traz embutida em si uma incompreensão humanamente compreensível. Ante o fato da morte, silenciam-se rumores externos e internos, um silêncio tantas vezes se impõe para aqueles que contemplam o corpo depositado sobre o esquife e sua descida ao lugar de sepultamento.

Os dias que se seguirão após esses tão corriqueiros momentos serão dias de ausência, de velada tristeza, não raro de choro e da real e inequívoca constatação: todos morreremos um dia. Porém, uma questão se impõe ao horizonte da Fé: como a morte pode ser verdadeiramente compreendida? Para além do luto e da tristeza e, mesmo sem beirar à alegria erroneamente festiva, quais sentimentos e convicções devem armazenar os filhos e pais, os parentes e amigos, que tiveram um dos seus ceifados da convivência diária?

Primeira constatação das lições da Fé: a morte não é um fim. E muito menos o fim. Ela se inscreve no horizonte da passagem pascal, está toda ela comprometida com uma finalidade inalienável: servir de porta necessária para o ingresso do homem e da mulher de fé num novo e definitivo horizonte. Portanto, muito mais do que mistério de ausência, a morte é, ao contrário, mistério de presença densa, forte, significativa de um Deus que atrai para junto de Si todos os que brotaram das Suas mãos benevolentes pelo dom da vida biológica. O nosso Catecismo ensina que “na morte, Deus chama o homem a Si” (Art. 1011). Vejamos que a morte é a realização da vocação última do ser humano. É chamado definitivo para a santidade. É a voz retumbante e serena de Deus que, de modo soberano e imperativo porque Ele é o autor da vida, chama individualmente cada um para a possibilidade do convívio feliz e eterno na morada eterna, no mundo novo que para todos preparou desde toda a eternidade. Portanto, a morte é integrante de um plano de amor que tantas vezes é tão difícil a tantos compreender.

São Paulo é um dos apóstolos mais visitados nas liturgias e orações próprias dos ritos destinados aos fiéis defuntos. Sua teologia lança luzes sobre as sombras da compreensão acerca da morte que tantas vezes teimam em envolver a fraqueza humana. “Para mim a vida é Cristo e morrer é lucro” (Fl 1,21). Em outra passagem, exorta com vigor: “Fiel é esta palavra: se com Ele morremos, com Ele viveremos” (2Tm 1,11). Ou seja, batizados em Cristo, desde já, na vida biológica, já estão todos assinalados com o destino reservado para os que exercitaram diariamente as virtudes em vista de uma vida santa: habitar para sempre na casa do Senhor. O batismo é o sacramento da morte para a vida antiga de pecado e de ressurgimento para a vida nova. Todos aqueles que estiverem nas salas de velório ou diante dos túmulos de seus entes queridos, devem, na verdade, trazer dentro de seus corações esta proclamada certeza: a fidelidade a Cristo e à Fé recebida, mesmo em meio às contradições, já abriu as portas do Paraíso para aqueles que na vida souberam amar Cristo e Seus irmãos.

Possam as lições da Fé trazer para o coração de cada pessoa a necessária suavidade perante a morte, sentimento este que vem alicerçado na firme Esperança e na certeza indestrutível de que a vida está orientada para Deus, origem e destino de todos os que trilharam pelos caminhos da vida, aqui, com a clara convicção de que, lá, a vida receberá o selo do amor definitivo. Amor este que está presente desde a aurora da Criação. Amor este que é o puro Deus que atrai todos para junto de Si, por puro amor.

Editorial

No Dia de Finados, celebrado na próxima quarta-feira, 2 de novembro, todos somos convidados a ser misericordiosos como o Pai (cf. Lc 6,36), consolando e rezando pelos irmãos que perderam seus entes queridos e rogando a Deus pelos falecidos. Essa prática é profundamente bíblica, pois foi o próprio Jesus que rezou e nos ensinou a rezar pela humanidade (Jo 17). Saber rogar pelos vivos e pelos mortos nos identifica com a atitude mais profunda de intimidade de Jesus com o Pai (pág. 5). Nesta sema-

“NO POVO DE DEUS, COM A GRAÇA DA SUA COMPAIXÃO DADA EM JESUS, TANTAS FAMÍLIAS DEMONSTRAM COM OS FATOS QUE A MORTE NÃO TEM A ÚLTIMA PALAVRA: ISTO É UM VERDADEIRO ATO DE FÉ” (PAPA FRANCISCO, CATEQUESE DO DIA 17 DE JUNHO DE 2015, SOBRE O LUTO NA FAMÍLIA)

na também apresentamos a Paróquia São João Batista, do Setor Garavelo, em Aparecida de Goiânia (pág. 4) e a cobertura da missa em ação de graças pelos 83 anos da capital. Na seção *Vida Cristã*, uma reflexão sobre o canto final após a missa (pág. 7).

Boa leitura!

PQ. VACA BRAVA

Mais Amor 2ª Edição

NERY NETO

ESSÊNCIA DE DEUS

DJALÊ

20 DE NOVEMBRO 15H

FESTIVAL DAS CORES

Setor Juventude

Outubro: Mês Missionário

O mês termina... a Missão continua!

A Campanha Missionária 2016, animada no Brasil pelas Pontifícias Obras Missionárias (POM), trouxe como tema “Cuidar da Casa Comum é nossa missão” e lema retirado do livro do Gênesis, “Deus viu que tudo era muito bom” (1,31), em sintonia com a Campanha da Fraternidade Ecumênica deste ano, cujo tema é “Casa Comum nossa responsabilidade”, e a Carta Encíclica do papa Francisco, *Laudato Si’* – Sobre o cuidado da casa comum. Outubro se foi, mas permanece a Missão de cuidar do nosso planeta maltratado e saqueado que se lamenta, e seus gemidos se unem aos gritos dos pobres e abandonados nas tantas periferias geográficas e existenciais. E qual a relação dessa preocupação com a Criação e a Missão da Igreja? Toda. Primeiro, porque a dimensão missionária está inserida na vida de todas as pessoas. Quando se fala em vida, não há barreiras, nem ricos ou pobres, por isso o planeta é chamado de casa comum. Tudo está interligado, e nós recebemos de Deus a missão de cuidar dessas relações. Essa é a nossa Missão.



DATAS COMEMORATIVAS

30: Dia Nacional da Juventude / **31:** Início da Semana de Prevenção contra Doenças do Coração / **2/11:** Dia de Finados / **5/11:** Dia Nacional da Cultura; Dia do cinema Brasileiro; Dia do Técnico Agrícola

Arquidiocese celebra os 83 anos de Goiânia



FÚLVIO COSTA

Na noite de segunda-feira (24), o arcebispo Dom Washington Cruz presidiu a missa em ação de graças pelos 83 anos de Goiânia, na Paróquia Nossa Senhora Auxiliadora (Catedral). Concelebraram os bispos auxiliares, Dom Levi Bonatto e Dom Moacir Arantes, além do pároco, monsenhor Daniel Lagni e diversos padres, diáconos e seminaristas da Arquidiocese.

A celebração teve a presença da imagem de Nossa Senhora Aparecida, que foi recebida pela Igreja de Goiânia, em Romaria a Aparecida (SP), no dia 17 de setembro. A imagem peregrina por toda a Arquidiocese desde o dia 9 de outubro, quando foi acolhida no Santuário Basílica Nossa Senhora do Perpétuo Socorro (Matriz de Campinas).



“Neste novo aniversário de nossa cidade, encontramos-nos para dar graças a Deus, escutando a sua Palavra. Ela nos impele a entrelaçar relações animadas pela retidão e pela justiça; pela fé no valor precioso diante de Deus, de todos os nossos esforços por construir um mundo mais justo e mais habitável”, destacou Dom Washington em sua homilia. Ele também convocou todos os

presentes, de modo particular as autoridades, a ser solidários, promover a igualdade e denunciar as injustiças, à luz da Palavra de Deus e comprometer-se em favor dos que sofrem e são vítimas do egoísmo. Ele pediu humildade a todos aqueles que têm o dever



de servir aos goianienses, que tenham consciência pessoal e coletiva. Pediu também que não cessem de depositar sua confiança no Senhor. “Cristo não se cansa de dizer-nos: ‘Goianienses, que querem que Eu faça por vocês?’” (Mt 10,36). O paraense Edivânio de Sousa, 44 anos, da Paróquia São Paulo Apóstolo, disse em entrevista que a tradicional missa em ação de graças pela capital é um momento ímpar na festa. “Esta celebração é muito importante porque por ela rendemos graças a Deus por esta cidade que acolhe a todos nós”.

Diversas personalidades e autoridades participaram da missa, entre elas o reitor da PUC Goiás, prof. Wolmir Amado; Tayrone Di Martino, secretário do Governo e representante do governador Marconi Perillo; a senadora Lúcia Vânia; o deputado estadual Bruno Peixoto; o vereador eleito Kleibe Moraes; o candidato a prefeito Vanderlan Cardoso; e representantes do candidato a prefeito Iris Rezende.

■ ACONTECE...



Foto: Fúlvio Costa

Pastoral Familiar tem nova coordenação

No dia 22, a Pastoral Familiar do Regional Centro-Oeste da CNBB (Goiás e Distrito Federal) se reuniu em assembleia eletiva, que aconteceu na sede da organização, em Goiânia, para eleger sua nova comissão executiva. Leônidas e Maria Dóris Magalhães (foto), da Arquidiocese de Goiânia, é o novo casal coordenador. Já a vice-coordenação ficou com o casal Neto e Altina Rodrigues, da Arquidiocese de Brasília. Os coordenadores da gestão passada (2013-2016), Vagner Alves e Neuza Maria Ribeiro, continuam na comissão executiva, como tesoureiros.



Foto: Acervo CSR

Centro Social completa 24 anos

O Centro Social Redentorista (CSR), que é o primeiro Centro Social da Congregação do Santíssimo Redentor de Goiás, completou 24 anos de fundação, no dia 20 de outubro. O CSR, como é conhecido, nasceu do sonho do missionário redentorista, irmão Sebastião Camargos, no ano de 1992. Ele, sensibilizado com a realidade das crianças do Setor Pontakayana, em Trindade, resolveu criar o projeto de uma casa para oferecer a elas acompanhamento pedagógico, moral e social. Atualmente 136 crianças com idade entre 3 e 12 anos são assistidas pelo trabalho, que é mantido pelas Obras Sociais Redentoristas. O funcionamento é de segunda a sexta-feira, das 7h às 17h, em que os assistidos recebem quatro refeições diárias, além de atividades complementares às desenvolvidas na escola. Os alunos têm momentos de leitura, reforço escolar, estudo religioso, além de oficinas e atividades de lazer.

Escola SAGRADA Família
Amor em educar.

4104-1177

www.EscolaSAGRADAFamilia.net

Berçário

Educação Infantil

Ensino Fundamental I

UNIDADE I

C-18, nº 304 Sudoeste

UNIDADE II

Pena Chaves, 263
Vila Nova, Canaã



Paróquia
Sagrada Família

Paróquia São João Batista: a partilha que promove unidade

“A unidade da comunidade não extingue a pluralidade de pessoas. Os dons e carismas individuais, partilhados, colaboram para o enriquecimento de toda a comunidade paroquial” (Documento 100, CNBB)

TALITA SALGADO

A história da Paróquia São João Batista, no setor Garavelo, começou, como a de muitas outras, com a devoção popular e a reza nas casas. As famílias se reuniam para rezar o terço e ouvir a Palavra, comemorar os aniversários e, no Natal e na Quaresma, os encontros eram mais frequentes. Devido à distância, muito raramente havia a presença de padres ou seminaristas, na época. Mas logo conseguiram consolidar a celebração de missas aos domingos, em um rancho feito com muito trabalho pela comunidade. Dona Ana Araújo Batista, há 30 anos na comunidade, lembra que os primeiros padres a celebrarem no rancho foram Alaor Rodrigues de Aguiar e Yvis Joseph.



Pe. Hércules (à direita) e os pioneiros

Ao longo do tempo, diversos padres contribuíram para o fortalecimento da fé no local e para que a comunidade estabelecesse uma vida pastoral. O rancho virou um salão e, mais ou menos nessa época, chegaram os Missionários Oblatos de Maria Imaculada, sete padres irlandeses que, em missão, passaram a residir no local. A presença deles foi fundamental. O grupo de pioneiros, que recebeu a equipe do *Encontro Semanal*, lembrou que, a partir da chegada dos padres oblatos, o desenvolvimento foi muito grande. Eles mobilizaram o povo para a construção da Capela e percorreram grandes distâncias evangelizando.

Dona Edivany de Fátima Rosa lembra que nenhum deles, inicialmente, falava português, mas as pessoas participavam das celebrações, ajudavam nas missões e, muitas vezes, saíam da missa sem entender uma palavra das que eram ditas pelo sacerdote. A presença dele, entretanto, já era o suficiente naquele momento. Todos participavam pela fé e se comunicavam pela “linguagem do amor”, ensinando e aprendendo a cada dia.

Instituída paróquia no dia 24 de maio de 1983, chegou a ter 56 comunidades, levando o arcebispo, por questões pastorais, a dividi-la em quatro paróquias: Nossa Senhora da Penha, Cristo Rei, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e Santo Eugênio Mazenod. Ao todo a comunidade São João Batista deu origem a cinco paróquias. Padre Hércules Geremias

Melo, atual administrador paroquial, conta que hoje a paróquia atende seis comunidades, com realidades bem distintas, mas que, apesar disso, uma característica se destaca: a partilha e a missionariedade. Dona Maria das Graças Neves Cavalcante, uma das pioneiras, lembra que desde os primórdios, os fiéis assumiam com muito comprometimento a missão, andavam longas distâncias, procuravam atender as necessidades dos menos favorecidos e tudo feito com a colaboração de todos. Assim nasceu a festa do quilo, que arrecadava alimentos para fazer cestas e que até hoje é uma iniciativa da paróquia, a missa do quilo.

A escolha do padroeiro tem uma história curiosa. Na época das festas juninas, os festejos realizavam-se na comunidade e era um momento de confraternizar e partilhar, todos vinham e traziam alguma coisa. O povo gostava tanto da festa que São João foi escolhido, então, para dar



Fotos: Acervo Paróquia

nome a essa paróquia. E a festa do padroeiro, hoje, mais do que uma tradição, é o orgulho dos fiéis, sendo uma das maiores festas da região que reúne todo o povo da localidade e até das vizinhanças, inclusive pessoas outras denominações religiosas. Mas o motivo do orgulho é, na verdade, a união; todas as comunidades participam, todos trabalham e festejam; o sentimento de pertença à família paroquial é forte e verdadeiro. O padre Hércules destaca que, sem dúvida, esse é um traço que vem sendo passado através das gerações e hoje a paróquia vive em unidade. Atualmente, na matriz, existem 12 pastorais, movimentos e grupos bem estruturados, que trabalham e se revezam entre as comunidades, sempre atendendo onde não existe algum serviço, ou onde precisam de um reforço.

Os desafios, segundo o padre, são: aumentar a presença dos jovens e a própria missão. A região cresce e se desenvolve bastante e atender a todos é sempre desafiador. Mas, na paróquia, os leigos assumem essa missão ao lado do clero, sentem que esse é um chamado para toda a Igreja e, iluminados por Cristo, não temem ir ao encontro. A maior participação da juventude perpassa também pelas questões sociais do bairro, como a violência, as drogas e pela habilidade em driblar a inconstância própria

dos jovens. A comunidade segue firme na missão, não importam os desafios, as diferenças das realidades de cada família, de cada comunidade, eles seguem juntos. Ao fim da entrevista, foi muito bonito ver um dos pioneiros dizer “eu queria fazer mais, não tenho a mesma condição física, mas o ânimo é o mesmo”. Assim, a Paróquia São João Batista é testemunha de uma Igreja em saída, de doação dos dons e de unidade entre fiéis leigos e clero.

INFORMAÇÕES

Párocos que passaram pela paróquia

Pe. Alaor Rodrigues de Aguiar
Mons. Yvis Joseph
Pe. Adriano Mc Garrigle
Pe. Thomas Murphy
Pe. João Altino Barbosa
Pe. Antônio Boyhan
Pe. Tony Bisset
Pe. Pedro Moriarty
Pe. Ciaran (Quirino) Sanches
Pe. Martin Byrne
Pe. Miguel Brady
Pe. Armando Ferreira Gomes
Pe. Columbano Ó Flanagan
Pe. Patrício Mc Grath
Pe. Daniel C. Mc Carthy
Pe. Carlos Francisco de Lucena
Pe. Jaime Gibbons
Pe. Davi Ó Brian
Pe. Divino Antônio da Silva

Missas

Domingo: 8h e 18h30 / 6ª-feira: 19h30

Administrador Paroquial

Pe. Hércules Geremias Melo

Tel.: (62) 3588-5993



62 3954.3826

f Escolas Arco-Íris Colégio Razão



MATRÍCULAS
ABERTAS!
2017

Berçário ao 9º Ano

Turnos: Matutino - Vespertino - Integral

UNIDADES

SETOR SÃO JOSÉ - CIDADE JARDIM - FAÍÇALVILLE - NOVA VENEZA-GO

Misericórdia aos irmãos vivos e falecidos

FÚLVIO COSTA

A menos de um mês para o encerramento do Jubileu Extraordinário da Misericórdia, proclamado pelo papa Francisco, no próximo dia 20 de novembro, *Solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo Rei do Universo*, todos os cristãos continuam a ser convocados a experimentar o amor de Deus, que é esperança, pelas obras de misericórdia. Estas, que conforme o Catecismo da Igreja Católica (CIC) são ações caritativas pelas quais socorremos o próximo em suas necessidades corporais e espirituais, podem ajudar na melhor vivência do Dia de Finados, porque

● **Enterrar os mortos**, segundo Dom Levi, é uma obra de misericórdia corporal porque o próprio Cristo não tinha onde reclinar a cabeça (Mt 8, 20). O amigo José de Arimateia, que lhe cedeu o seu túmulo e foi a Pôncio Pilatos pedir o corpo de Jesus, com Nicodemos ajudou a sepultá-lo (cf. Jo 19,38-42). “Enterrar os mortos parece um mandato supérfluo nos dias de hoje, porque todos são enterrados, mas vemos que em tempos de guerra ou massacres, muitos são enterrados em valas comuns, situações essas que tornam o mandato muito exigente”, ressalta o bispo. Dom Levi menciona ainda que enterrar os mortos é importante porque o corpo humano foi morada do Espírito Santo (1Cor 6,19).

● **Rezar a Deus pelos vivos e pelos mortos**, que é a sétima obra de misericórdia espiritual, também é muito importante em todas as situações e, de modo especial no Dia de Finados. Dom Levi lembra que a recomendação vem de São Paulo que pede oração a todos sem distinção porque Deus “quer que todos se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade” (1Tm 2,4). Ele cita ainda outra passagem bíblica para justificar a importância dessa obra de misericórdia: “Eis por que mandou fazer o sacrifício expiatório pelos fa-



Foto: Reprodução

lecidos, a fim de que fossem absolvidos do seu pecado” (2Mc 12,45). Dom Levi completa dizendo que “os falecidos que estão no purgatório dependem da nossa oração”. Fazendo isso, é possível lucrar indulgências para as almas, que significa redimi-las das manchas dos

“

Ter compaixão pelos que perderam um ente querido é ser misericordioso, sofrer com o outro”

pecados, diante de Deus. As indulgências são parciais quando libertam em parte e plenárias quando libertam, no todo, das penas temporais devidas pelos pecados. “A pena temporal é um tempo atribuído, segundo a justiça divina, que as almas mesmo que não condenadas ainda têm que passar no purgatório para poderem purificar-se”, diz.

No Dia de Finados, pode-se lucrar indulgência da seguinte forma: ao visitar o cemitério e rezar, mesmo que mentalmente, pelos defuntos,

nos dias 1º a 8 de novembro, com a confissão sacramental, a comunhão eucarística e oração nas intenções do papa. Dessa forma, a indulgência será plenária. No restante do ano será parcial. É possível ainda lucrar indulgências plenárias aos fiéis defuntos, no Dia de Finados, rezando da mesma forma (ao Santo Padre, Pai-Nosso, Credo, Ave Maria ou qualquer outra oração piedosa) em todas as igrejas, oratórios públicos ou semipúblicos. “É importante enfatizar que a indulgência não é um negócio com Deus, mas um indulto especial concedido pela Santa Igreja para que todos procurem a conversão rezando pelos entes queridos”, lembra. Após a morte, diz ainda o bispo, “no juízo esperamos a glória dos céus e se não estivermos ainda com o Pai é porque precisamos desses sufrágios”.

● **Consolar os tristes** é outra obra de misericórdia não menos importante a ser colocada em prática no Dia de Finados, porque a alegria deve estar presente em todos os momentos da vida. Ter compaixão pelos que perderam um ente querido é ser misericordioso, sofrer

despertam a consciência para os dramas da vida.

Na quarta-feira, 2 de novembro, a Igreja celebra o Dia dos Fiéis Defuntos, mais conhecido como Dia de Finados, data especial que segundo o bispo auxiliar de Goiânia, Dom Levi Bonatto, se cruza com a misericórdia de Deus em dois grandes pontos: “primeiro, pela oração de intercessão pedindo pela salvação das almas do purgatório, para que elas obtenham o quanto antes a condição de estarem diante de Deus e, segundo, pelas indulgências plenárias para os fiéis defuntos, no sentido de acelerar o processo de purificação das almas do purgatório”, explica.

com o outro. Na Arquidiocese de Goiânia, essa missão é desenvolvida pela Pastoral da Esperança, mas pode também ser feita por todos os cristãos. “Nossa pastoral tem uma missão misericordiosa porque se faz próxima e é presença amiga, fraterna e solidária da comunidade Igreja junto àqueles que passam por um momento de dor, como a perda de um ente querido, prestando solidariedade, conforto e apresentando súplicas pelos defuntos e, ao mesmo tempo, dando aos vivos o consolo da esperança”, explica o coordenador arquidiocesano da pastoral, diácono Geraldo Mendes da Silva.

● **Missão Esperança**

No Dia de Finados, a Pastoral da Esperança deverá se fazer presente, consolando os tristes e rezando pelos defuntos, em todos os cemitérios dos 27 municípios que compõem a Arquidiocese de Goiânia. Para isso, cerca de 500 agentes estão sendo capacitados. “Nos motiva para essa missão o exemplo do Cristo que sempre se faz próximo dos pequeninos e sofredores, indo ao seu encontro para que a misericórdia de Deus os alcance. A Missão Esperança, no Dia de Finados, precisa revelar a todos a face misericordiosa de Deus nas ações desta Igreja que Cristo fundou”, completa o diácono.

MISSAS PRESIDIDAS PELOS BISPOS NOS CEMITÉRIOS, NO DIA DE FINADOS – 2 DE NOVEMBRO

Dom Washington Cruz (arcebispo)
Cemitério Parque Memorial, às 8h
Cemitério Vale da Paz, às 10h
Cemitério Santana, às 17h

Dom Levi Bonatto (bispo auxiliar)
Cemitério Jardim da Saudade, às 8h
Cemitério Vale do Cerrado, às 10h
Cemitério Jardim das Palmeiras, às 14h

Dom Moacir Arantes (bispo auxiliar)
Cemitério Vale da Paz, às 14h
Cemitério Parque Memorial, às 16h

Confira lista completa das missas nos cemitérios: www.arquidiocesedegoiania.org.br

Os cansados e aflitos encontram repouso e alívio em Jesus

Prezados irmãos e irmãs!

Durante este Jubileu refletimos várias vezes sobre o modo como Jesus se exprime com uma ternura singular, sinal da presença e da bondade de Deus. Hoje meditamos sobre um trecho comovedor do Evangelho (cf. Mt 11,28-30), no qual Jesus diz: “Vinde a mim, vós todos que estais aflitos, e Eu vos aliviarei [...] Aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração, e encontrareis o repouso para as vossas almas” (vv. 28-29). O convite do Senhor é surpreendente: chama a segui-lo pessoas simples e oprimidas por uma vida difícil, chama a segui-lo pessoas com tantas ne-

cessidades, prometendo-lhes que nele encontrarão repouso e alívio. O convite é dirigido de forma imperativa: “Vinde a mim”, “tomai o meu jugo”, “aprendei de mim”. Se todos os líderes do mundo pudessem dizer isso! Procuremos entender o significado dessas palavras.

O primeiro imperativo é: “Vinde a mim”. Dirigindo-se àqueles que estão cansados e oprimidos, Jesus apresenta-se como o Servo do Senhor, descrito no livro do profeta Isaías. Assim reza o trecho de Isaías: “O Senhor Deus deu-me a língua de discípulo para que eu saiba confortar pela palavra o que está abatido” (50,4). Ao lado desses abatidos da vida, o Evangelho põe muitas vezes também os pobres (cf. Mt 11,5), os

mais pequeninos (cf. Mt 18,6). Trata-se de quantos não podem contar com os próprios meios, nem com amizades importantes. Eles podem confiar só em Deus. Conscientes da sua condição humilde e miserável, sabem que dependem da misericórdia do Senhor e dele esperam a única ajuda possível. No convite de Jesus finalmente encontram resposta à sua expectativa: tornando-se seus discípulos recebem a promessa de encontrar alívio para toda a sua vida. Uma promessa que no final do Evangelho é ampliada a todos: “Ide, pois – diz Jesus aos Apóstolos – e ensinai a todas as nações...” (Mt 28,19).

Aceitando o convite para celebrar este ano de graça do Jubileu, no mundo inteiro os peregrinos passam

pela Porta da Misericórdia aberta nas catedrais, nos santuários, em muitas igrejas do mundo, nos hospitais, nas prisões. Por que passam pela Porta da Misericórdia? Para encontrar Jesus, a amizade de Jesus, o alívio que só Jesus oferece. Esse caminho exprime a conversão de cada discípulo que se põe no seguimento de Jesus. E a conversão consiste sempre em descobrir a misericórdia do Senhor. Ela é infinita e inesgotável: é grande a misericórdia do Senhor! Portanto, atravessando a Porta Santa, professamos “que o amor está presente no mundo e que o amor é mais forte do que todo mal em que o homem, a humanidade e o mundo estão envolvidos” (João Paulo II, Enc. *Dives in misericordia*, 7).

Seguir Jesus sem medo

O segundo imperativo diz: “Tomai o meu jugo”. No contexto da Aliança, a tradição bíblica usa a imagem do fardo para indicar o vínculo estreito que une o povo a Deus e, portanto, a submissão à sua vontade expressa na Lei. Na controvérsia com os escribas e os doutores da lei, Jesus põe sobre os seus discípulos o seu jugo, no qual a Lei encontra o seu cumprimento. Quer ensinar-lhes a descobrir a vontade de Deus, mediante a sua pessoa: por Jesus, não por meio de leis e prescrições frias que o próprio Jesus condena. É suficiente ler o capítulo 23 de Mateus! Ele está no centro da sua relação com Deus, no núcleo das relações entre os discípulos e põe-se como fulcro da vida de cada um. Recebendo o “jugo de Jesus”, cada discípulo entra em comunhão com Ele e participa do mistério da sua cruz e do seu destino de salvação.

Segue-se o terceiro imperativo: “Aprendei de mim”. Aos seus discípulos Jesus indica um caminho de conhecimento e imitação. Jesus não é um mestre que impõe seve-

ramente a outros pesos que Ele não carrega: era esta a acusação que fazia aos doutores da lei. Ele dirige-se aos humildes, frágeis, pobres, necessitados, porque Ele mesmo se fez pequenino e humilde. Entende os pobres e sofredores porque Ele mesmo é pobre, provado pelas dores. Para salvar a humanidade, Jesus não trilhou um caminho fácil; ao contrário, a sua senda foi dolorosa e árdua. Como recorda a Carta aos Filipenses: “Humilhou-se, tornando-se obediente até à morte, e morte de cruz” (2,8). O fardo dos pobres e oprimidos é o mesmo jugo que Ele carregou antes deles: por isso é suave. Ele carregou nos ombros as dores e os pecados da humanidade inteira. Para o discípulo, portanto, carregar o jugo de Jesus significa receber a sua revelação e aceitá-la: Nele a misericórdia de Deus assumiu a pobreza do homem, oferecendo assim a todos a possibilidade da salvação. Mas por que Jesus é capaz de dizer isso? Porque Ele se fez tudo por todos, aproximou-se de todos, dos mais pobres! Era um pastor no

meio do povo, dos pobres: labutava o dia inteiro com eles. Jesus não era um príncipe. É negativo para a Igreja, quando os pastores se tornam príncipes, longe do povo, distantes dos mais pobres: esse não é o espírito de Jesus. Jesus repreendia esses pastores, dizendo ao povo: “Fazei o que eles dizem, não o que fazem”.

Caros irmãos e irmãs, também nós temos momentos de fadiga e desilusão. Então, recordemos estas palavras do Senhor; elas dão-nos muita consolação e fazem-nos entender se pomos as nossas forças ao serviço do bem. Com efeito, às vezes o cansaço deriva da nossa confiança em coisas que não são essenciais, porque nos afastamos do que realmente tem valor na vida. O Senhor ensina-nos a não ter medo de o seguir, porque a esperança que temos nele não será desiludida. Assim, somos chamados a aprender dele o que significa viver de misericórdia para sermos instrumentos de compaixão. Viver de misericórdia para sermos instrumentos de compaixão: viver de misericórdia é

sentir-se necessitado da misericórdia de Jesus, e quando nos sentimos carentes de perdão e consolação, aprendemos a ser misericordiosos com o próximo. Manter o olhar fixo no Filho de Deus faz-nos entender como é longo o caminho que ainda devemos percorrer; ao mesmo tempo, infunde-nos a alegria de saber que caminhamos com Ele e nunca estamos sozinhos. Ânimo, pois, coragem! Não deixemos que nos tirem a alegria de ser discípulos do Senhor. “Mas padre, sou pecador, como posso fazer?” – “Deixa que o Senhor olhe para ti, abre o teu coração, sente sobre ti o seu olhar, a sua misericórdia, e o teu coração será cheio de alegria, do júbilo do perdão, se te aproximares para pedir perdão”. Não permitamos que nos roubem a esperança de levar essa vida com Ele e com a força da sua consolação. Obrigado!

+ *Franciscus*

Audiência Jubilar do papa Francisco. Praça São Pedro, 14 de setembro de 2016

Espaços Planejados, com instalações modernas e confortáveis...

O Colégio Agostiniano possui três Unidades:

- Unidade I – Educação Infantil e Ensino Fundamental I
- Unidade II – Ensino Fundamental II
- Unidade III – Ensino Médio

Ensino integral e regular

Educação Infantil

Infantil I, II e III

Ensino Fundamental

1º ao 5º ano

Ensino Médio

1º, 2º e 3º séries



Colégio Agostiniano
Nossa Senhora de Fátima



Av. K, nº 108, St. Aeroporto
Goiânia/GO



62 3213 3022



www.agostiniano.com



colégioagostiniano@hotmail.com



Colégio Agostiniano



Colégio Agostiniano

“Ide em paz e que o Senhor vos acompanhe”

WALLISON RODRIGUES
Seminarista e músico-compositor,
Membro do corpo eclesial de Compositores da CNBB

Há algum tempo, justamente no “mês missionário”, me inquietava sobre o “canto final” na celebração eucarística. Interessante, no Brasil, o povo tem o costume de cantar um louvor final, solenidade ou não, com ou sem procissão. Mas, ao mesmo tempo, somos informados que às missas ordinárias, não há nada a acrescentar após o “*Ite missa est*” – “*Ide em paz, e o Senhor vos acompanhe! Graças a Deus*”. Às vezes, também pergunto: “Por que reter o povo com mais um canto?”¹.

A riqueza da despedida está no fato de que todos retornem às suas atividades louvando e bendizendo o Senhor em suas boas obras². Rituamente, a missa termina no “*Ide*”, mas ela continua realizando-se nesse envio. Não é um mero ‘louvor final’, mas é um recordar que o Senhor também se faz presente no mundo, como está sacramentalmente na assembleia eucarística e na comunhão.

Graciosamente temos a oportunidade de estender o “*Graças a Deus*” até às nossas casas. Mas, parece-me que ainda não aprendemos a apreciar essa arte. Surgem duas questões que ainda carecem ser mais refletidas para além de um rubricismo: 1) Por que segurar o povo com mais um canto? 2) E por que cantar um louvor final?³ Significa-

tivamente, a dimensão missionária da Igreja está vinculada à liturgia. Pois, como diz o papa Francisco: “*a Igreja evangeliza e se evangeliza com a beleza da liturgia*”⁴. Isso, sim, nos chama bastante atenção!

Mas, *Missão e Liturgia* não devem ser unidade somente no mês de outubro, com as mais variadas propostas e Campanhas Missionárias. Por vezes, esquecemos que a Liturgia em si, independente do tempo, é fonte de missão. Mas, para ser fonte de missão, primeiro ela deve ser lugar da *experiência de Deus*. O povo canta: “*Vai, vai missionário do Senhor... vai trabalhar...*”. Realmente, precisamos ser essa “*Igreja em saída*” de que tanto falamos e cantamos. Mas, o nosso “*Ide*”, não pode ser de corações vazios: devem estar cheios de Deus!

Ano após ano, as campanhas missionárias se repetem, no entanto, às vezes, não geram conversão. Ter uma Igreja cheia de missionários é poder perceber homens e mulheres que fazem experiência profunda e transformadora de Cristo – o divino Mistério⁵ celebrado. Haja vista, é nesta celebração litúrgica, conforme *Medellín*, que é possível um compromisso autêntico com a realidade humana – eis aqui dimensão missionária!

Quando o Senhor nos chama a participar do Divino Banquete da Palavra e da Eucaristia, não nos pede para levar nada, a não ser um coração aberto e disponível. Às



Foto: Reprodução

vezes, entramos até de mãos e corações vazios. Mas, estamos como diante de uma Mãe que recebe a visita do filho e que jamais o permite sair de sua casa de *mãos abanando*. Carregamos o sabor de Cristo Eucarístico e a vivacidade profética de sua Palavra. Isto é, mais do que uma piedade popular ou devoção de fiéis, a Liturgia é a renovação da Eterna Aliança entre Deus e todos os batizados.

A saudação final da Missa, “*Ide em paz, e o Senhor vos acompanhe!*”, expressa tudo isso e, ainda mais... ressalta aos fiéis que não estão sozinhos: “*O Senhor vos acompanhe*”. O Senhor acompanha cada cristão em seu trabalho missionário. É um anunciar Cristo com o próprio Cristo. A assembleia é desfeita, mas é prolongada a ação de graças vivida na missa. A vida toda se faz uma ação de graças a Deus e ao próximo.

A liturgia nos convida a viver a missão de batizados: a ação de graças; sendo profetas, sacerdotes

e reis. Profetas que revelam o rosto de Deus com a vida. Sacerdotes que oferecem as dádivas, orações e labor ao divino Criador. Reis que constroem, administram e vivem a liberdade em Cristo. Isto é, em Deus fazemos experiência do sentido da verdadeira liturgia.

Quando nossos cantos finais estão eivados de toda essa sensibilidade litúrgica, são úteis a qualquer assembleia. Não precisamos de muita letra, nem de melodias estrambólicas. Mas também pergunto: precisaria de letra melhor do que a própria expressão “*graças a Deus*”? Haveria uma melodia melhor do que a que exala do coração dos fiéis após terem participado do Banquete Divino?

“*Ide em paz, e o Senhor vos acompanhe! Graças a Deus.*”

¹ Cf. GELINEAU, Joseph. Os cantos da missa no seu enraizamento ritual. São Paulo: Paulus, 2013, p.48.

² Instrução Geral do Missal Romano

³ Aqui não tenho como objeto central responder a essas questões.

⁴ Cf. EG, 24.

⁵ Cf. Medellín 9,4.

PUC NOTÍCIAS

Projeto promove acessibilidade no Jesco Puttkamer

Com o objetivo de dar acesso aos conteúdos e às oficinas da exposição *Diferentes e Iguais: Diversidade Cultural dos Povos Indígenas do Brasil* a pessoas com deficiência visual, a PUC Goiás promove o projeto Acessibilidade Comunicacional no Centro Cultural Jesco Puttkamer.

A partir da iniciativa, são disponibilizados textos, audiodescrições, etiquetas em braile e ampliadas, além de objetos para o toque. O agendamento individual ou em grupo é realizado pelo telefone: (62) 3251-0721.

Universidade abre seleção com vagas para o primeiro semestre de 2017

Faça seu futuro, faça PUC!

VESTIBULAR

Inscrições
até 16
de novembro

A PUC Goiás abriu, na última semana, o Vestibular 2017/1 da instituição. Para o primeiro semestre de 2017, serão oferecidas 5.385 vagas em 42 cursos de graduação, entre bacharelados, licenciaturas e de tecnologia. As inscrições podem ser feitas até o dia 16 de novembro, pelo site pucgoias.edu.br.

Para concorrer às vagas do Edital 72/2016, o candidato deve escolher

entre utilizar as notas obtidas na edição 2015 do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) ou realizar a prova aplicada pela universidade no dia 19 de novembro. Até o dia 11, a inscrição pode ser feita pelo valor de R\$ 110.

Quem precisar de atendimento especializado ou específico contará com o apoio de profissionais da instituição. Para solicitar o atendimento, basta informar a universidade no ato de

inscrição, especificando o recurso de que necessita.

No caso do curso de Medicina, a seleção será realizada em janeiro de 2017, com utilização da nota do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) 2016. As regras para concorrer às vagas de Medicina constarão em edital próprio, que será divulgado posteriormente, no site vestibular.pucgoias.edu.br.



ADNILSON PEDRO GOMES
(Seminarista) Seminário Interdiocesano
São João Maria Vianney

"Sem-aventurados..."

No próximo domingo nós vamos celebrar a solenidade de Todos os Santos, Solenidade na qual celebramos a vida dos "Bem-aventurados". Em algumas traduções da Bíblia esta expressão do Evangelho de Mateus, "Bem-aventurados" (Mt 5), também se traduz por: "felizes". Mas, tanto uma tradução quanto a outra, expressa a mesma realidade. A realidade daqueles que já contemplam Deus face a face no céu. Mas, afinal, poderíamos nos perguntar: quem são esses "Bem-aventurados" ou "felizes"? Podemos dizer que os Bem-aventurados foram aqueles que mais configu-

raram suas vidas à vida de Jesus. Foram aqueles que mais se pareceram com Ele. Como não ver as características da pessoa de Jesus nas bem-aventuranças? Fazemos algumas comparações das bem-aventuranças com a vida de Jesus. "Bem-aventurados os pobres em espírito". Cristo, existindo em forma divina, não se apegou ao ser igual a Deus, mas despojou-se, assumindo a forma de escravo (cf. Fl 2,6-7). Jesus também disse: "Bem-aventurados os aflitos", e depois falou de si: "O Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça" (Lc 9,58). "Bem-aventurados os mansos", e alguns capítulos à frente lemos: "Vinde a mim (...), porque sou manso e humilde de coração" (Mt 11,28-29). Assim, poderíamos percorrer cada uma das bem-aventuranças e ver que Jesus viveu cada uma delas. E nós, como estamos vivendo?

Siga os passos para a leitura orante:

Texto para a oração: Mt 5,1,12 (página 1205 – Bíblia das Edições CNBB)

Passos para a leitura orante:

1. Preparar o ambiente com algum símbolo, cruz, vela, ícone de Nossa Senhora ou imagem. Depois, colocar o corpo em posição digna e cômoda, e, por fim, invocar a luz do Espírito Santo.
2. (Lectio) Leitura de modo lento e atento ao que o texto diz. Fazer momento de silêncio, lembrando o que se leu, considerando o sentido de cada frase.
3. (Meditacio) Meditação do texto. Ler o texto novamente atualizando-o para a vida. O que o texto diz para mim hoje?
4. (Oracio) Oração. Momento de rezar com o texto. Leia-o mais uma vez tendo em mente a seguinte pergunta: O que o texto me faz dizer a Deus? Depois, faça alguma prece, louvor ou agradecimento.
5. (Contemplacio) Contemplação, ou seja, olhar para a vida com o olhar de Deus. Que novo olhar para a vida esse texto despertou em mim? Que desafios descobri para me aperfeiçoar?
6. (Actio) Ação. Propor algum gesto concreto, capaz de ser realizado e vivê-lo cotidianamente ou quando necessário.

(Ano C, Solenidade de Todos os Santos. Liturgia da Palavra: 1ª Leitura. Ap 7,2-4.9-14; Sl 23(24), 1-2.3-4ab.5-6; 2ª Leitura: 1Jo 3,1-3; Evangelho. Mt 5,1-12a).

ESPAÇO CULTURAL



Na esperança do reencontro

A obra procura oferecer algum conforto na hora difícil da morte, que precisa ser vivenciada de forma plena para que as emoções possam ser elaboradas e essa experiência tenha sentido. Ele reflete sobre o valor das lembranças, alerta para o cuidado de não deixar a tristeza natural virar depressão e de manter o bom senso e o equilíbrio. Também fala sobre a importância de cultivar a fé em que a morte não é o fim, mas o que dá sentido à vida, e que em Deus ninguém morre, mas vive para sempre.

Autor: Carlos Afonso Schmitt / Editora: Paulinas



IMAGEM PEREGRINA DE N. SRA. APARECIDA
VISITA PARÓQUIAS

OUTUBRO

Até dia 31 – Sagrada Família (Vila Canaã)

NOVEMBRO

- Dia 1º – Divino Pai Eterno (Ap. de Goiânia / Vila Alzira)
2 e 3 – N. Sra. Aparecida (Jd. Primavera)
4 e 5 – N. Sra. Rainha do Povo (Vila Regina)
6 e 7 – N. Sra. da Libertação (Jd. Liberdade)
8 e 9 – Santa Luzia (Vila Cristina)

Publicidade

O Pai Eterno sempre nos dá motivos para sorrir

Por meio das Obras Sociais, a Afipe beneficia centenas de crianças, em Trindade e no Brasil.


62 3506-9800
www.paieterno.com.br

Faça parte desta família de amor.